

## Editorial

A NOVELA  
DA BR-381

Há pelo menos uma década a população que vive ao longo da BR-381, entre Belo Horizonte e Governador Valadares, reclama do governo federal a duplicação da rodovia, fundamental para o transporte ágil e seguro de pessoas e mercadorias.

O argumento principal em apoio ao pleito é o número de acidentes graves ocorridos na rodovia, a maioria constituída de colisões frontais, que a duplicação eliminaria ou pelo menos reduziria. Tanto que a estrada ganhou um apelido, o de "Rodovia da Morte".

Apesar do movimento a favor, o governo federal ignorou quanto pôde o pleito, talvez por razões políticas, como uma suposta má vontade com os governos tucanos do Estado. A atitude só mudou quando a presidente se candidatou a um segundo mandato.

Então, Dilma Rousseff veio a Minas Gerais, em maio de 2014, para autorizar o início das obras de duplicação, quando afirmou que iria mudar a história trágica da rodovia em três anos, isto é, até o fim de seu segundo mandato, se eleita, como foi.

A reportagem de **O TEMPO** percorreu, recentemente, os 310 km da rodovia para observar o estágio em que estão os trabalhos. Dos oito trechos em que foi dividida a obra, só de um se pode considerar que está com as operações em andamento.

Os demais, com exceção de um, que aguarda licitação, são fonte de litígios administrativos ou judiciais com o consórcio que venceu a concorrência. Por causa disso, as obras estão praticamente paralisadas, e o governo já fixou novo prazo de conclusão: 2019.

Segundo a reportagem, as obras já realizadas estão se estragando. Também não foi concluída nenhuma obra estrutural. Sem condições estruturais para operar no Brasil, o consórcio vencedor, uma empresa espanhola, terceirizou todos os trechos, o que é irregular.

A novela já custou R\$ 363 milhões dos R\$ 2,6 bilhões previstos.

## SEMPRE EDITORA LTDA

**FUNDADOR** Vittorio Medioli  
**PRESIDENTE** Laura Medioli  
**VICE-PRESIDENTE** Luiz Alberto de Castro Tito  
**DIRETOR EXECUTIVO** Heron Guimarães

**GERENTE COMERCIAL**  
Alessandra Soares

**GERENTE DE TECNOLOGIA**  
Fábio A. Santos

**GERENTE INDUSTRIAL**  
Guilherme Reis

**GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO**  
Walmir Prado

**GERENTE DE MARKETING**  
Monique Araki

**GERENTE DE CIRCULAÇÃO**  
Isabel Santos

**EDITORA EXECUTIVA**  
Lúcia Castro

**SECRETÁRIA DE REDAÇÃO**  
Michele Borges da Costa

**ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO**  
Murilo Rocha

**CHEFE DE REPORTAGEM**  
Renata Nunes

**EDITORES**

Opinião: Victor de Almeida  
Economia: Karlon Aredes  
Magazine: Silvana Mascagna  
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla  
Política: Ricardo Corrêa  
Esportes: Denner Taylor  
Cidades: Marina Schettini  
Primeira: Frederico Duboc  
Fotografia: Rejane Araújo

## O.PINIÃO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

## Os bônus e os ônus da sociedade da cultura da informação

Zygmunt Bauman e o "ativismo de sofá" das redes sociais

**A**pós ler a entrevista do sociólogo polaco Zygmunt Bauman concedida a Ricardo de Queiroz, "As redes sociais são uma armadilha" ("El País", 8.1.2016), decidi reler "Tecnopólio: A Rendição da Cultura à Tecnologia", de Neil Postman (Nobel, 1994), que li em 1995 e revisito muito, por considerá-lo ainda atual, embora seja, a rigor, uma análise escrita quando a internet engatinhava.

A precursora da internet, a Arpanet, foi criada em 1969 e pertencia ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos; só interligava laboratórios de pesquisa no país. A liberação comercial ocorreu em 1987. Em 1992, o Laboratório Europeu de Física de Partículas inventou a World Wide Web, que possibilitou o uso por qualquer pessoa. A internet foi liberada no Brasil em 1995.

Neil Postman (1931-2003), norte-americano, professor e pesquisador de mídia e educação, dirigiu o Departamento de Comunicação da Universidade de Nova York e escreveu inúmeros artigos e vários livros com enfoques na evolução da tecnologia e suas ressonâncias na sociedade. "Tecnopólio: A Rendição da Cultura à Tecnologia" nos alerta para um olhar aprofundado sobre o imperativo ou determinismo tecnológico versus a construção social da tecnologia (determinismo social).

Conforme a resenha da obra feita por Marcela Lino da Silva, Stephanie Sá Leitão Grimaldi e André Felipe de Albuquerque Fell, "o tecnopólio passa a ser, então, um estado de cultura, envoltos em seus próprios dogmas e misticismos, impondo o rumo e o ritmo de

vida às sociedades".

Zygmunt Bauman, 90, sociólogo polaco, foi professor da Universidade de Varsóvia, da qual foi expulso em 1968, quando imigrou para a Grã-Bretanha, onde tornou-se professor titular da Universidade de Leeds, em 1971. Recebeu os prêmios Amalfi (1989, por sua obra "Modernidade e Holocausto") e Adorno (1998, pelo conjunto de sua obra). É professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia.

Zygmunt Bauman, cético sobre o "ativismo de sofá", é tido como pessimista e

**"As redes sociais não ensinam a dialogar... Muita gente as usa não para unir; o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes."**

declara que a ideia de progresso é um mito. É criador do conceito de modernidade líquida – "uma etapa na qual tudo que era sólido se liquidificou, e em que nossos acordos são temporários, passageiros, válidos apenas até novo aviso".

Ricardo de Queiroz destaca que "ele é a voz dos menos favorecidos. O sociólogo denuncia a desigualdade e a queda da classe média. E avisa aos indignados que seu experimento pode ter vida curta". E que "suas denúncias sobre a crescente desigualdade, sua análise do descrédito da política e sua visão nada idealista do que trouxe a revolução digital o transformaram também em um farol para o movimento global dos indigna-

dos, apesar de que não hesita em pontuar suas debilidades".

Questionado se, "em vez de um instrumento revolucionário, como alguns pensam, as redes sociais são o novo ópio do povo", eis fragmentos de sua resposta: "A diferença entre a comunidade e a rede é que você pertence à comunidade, mas a rede pertence a você. É possível adicionar e deletar amigos, e controlar as pessoas com quem você se relaciona. (...) As redes sociais não ensinam a dialogar porque é muito fácil evitar a controvérsia... Muita gente as usa não para unir, não para ampliar seus horizontes, mas, ao contrário, para se fechar no que eu chamo de zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes, onde o único que veem são os reflexos de suas próprias caras. As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha".

